

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Uma poética dos desobjetos e seus encontros com as águas

RESUMO

Esta proposta objetiva apresentar uma investigação que relaciona objetos que outrora tiveram sua destinação e a imagem de seu momento de descarte, sobretudo em margens e várzeas, tornando-se “desobjetos”, a partir da imaginação e da reflexão crítica de um mundo em crise. Tais desobjetos abrem um campo especulativo da imaginação crítico à visão dominante e colonial, reimaginada a partir de outros modos de questionar geoposições, disputando uma cartografia impregnada no imaginário, a partir de uma ideia de viagem: no processo de ser estrangeiro do mundo e de si, no exercício da alteridade, principalmente, a partir de atos do caminhar e parar em territórios aquosos. Tais atos nos auxiliam a pensar ainda sobre como estamos vivos, pois tratamos especificamente do que pensamos como desobjetos a partir do toque, do cheiro, da textura, e, por vezes do sabor, no contexto do Antropoceno. São coisas que outrora tiveram seu destino demarcado, mas que, no ato da descoberta, tornaram-se indestinações, abertos e passíveis de serem reconfigurados como crítica à utilidade e à dominação. Quando coletados em locais marginais – seja por um catador ou por uma pessoa por ele interessada –, passam a tomar outra posição, a do reuso e do retorno a outra objetificação. O que nos interessa particularmente é esse momento especulativo do instante da sua descoberta a partir de um estudo da política das imagens, investigando como as águas podem nos ajudar a desvelar camadas ainda não imaginadas.

Palavras-chave: poética; desobjetos; encontros; várzeas; imaginação

A EMERGÊNCIA DOS DESOBJETOS¹

Em vista de produzir peças audiovisuais que tensionam aspectos entre cinema e cartografia,² esta pesquisa tem se desenvolvido por meio de caminhadas e coletas. Caminhadas que ocorreram e ainda ocorrem por distintas localidades brasileiras. De posse disso, informo que, pelo caráter especulativo de um ensaio, há nele questões que me entremeiam pessoalmente, afinal, na pesquisa acadêmica, pode haver elementos que inevitavelmente nos

¹Este texto foi originalmente apresentado como “Desobjetos e seus destinos: uma geocoleção onírica de paisagens de várzeas”, no “1º Colóquio Várzeas Urbanas: habitar paisagens de várzeas” e foi publicado no ebook “Várzeas Urbanas: habitar paisagens de várzeas”, no volume 3, “entre escalas e cartografias” (RAMOS, 2025).

²A pesquisa, intitulada “Um cinema-cartografia desde o Sul global”, teve início, em 2022, com a associação direta entre cinema e cartografia, com foco na América do Sul, inspirada pela obra “Cartographic Cinema” (2007), de Tom Conley, professor de teoria literária em Harvard, em que argumenta haver correlações e interseções entre essas duas formas de pensamento. Visando circunscrever um campo ampliado das cartografias, tendo particular interesse no âmbito audiovisual, neste caso, o objetivo tem sido explorar estratégias críticas que relacionem filmes e mapas. A partir dessa abordagem, a atual etapa examina questões no campo de cinema e cartografia a partir de caminhadas e coletas, considerando perspectivas associadas ao Sul global e produz peças audiovisuais para auxiliar nesta reflexão.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

atrassem e moldem nossas subjetividades. Este é especialmente o caso de um caminhante-viajante que há mais de doze anos transita quase diariamente entre cidades. Um viajante deslocado de seu contexto marítimo para um território cerratense, marcado, em 2024, pela maior seca de sua história.

Durante esse percurso, recebi um convite para conhecer o Quilombo Mesquita,³ no contexto de uma atividade profissional realizada com a Justiça Federal. Essa aproximação me permitiu conhecer um território centenário, cuja história antecede tanto a fundação de Brasília quanto a de Luziânia, anteriormente conhecida como Santa Luzia, lugar esse construído por populações negras que há séculos lutam pela preservação de suas terras.

Ao longo desse processo, fui profundamente impactado por presenciar o persistente desejo bandeirantista de colonizar e controlar corpos, sobretudo os de pessoas negras e pobres. Essa lógica de dominação se manifesta hoje em práticas como a utilização indiscriminada de agrotóxicos, a destruição ambiental e a poluição das águas. Passou a ser uma inquietação frequente: o que resta quando a vida íntima das pessoas é continuamente invadida por sujeitos poderosos que se perpetuam no poder?

³O Quilombo Mesquita (Cidade Ocidental/GO) é um dos mais antigos quilombos do Brasil e fica a cerca de 50km de Brasília. Suas raízes remontam ao século XVIII, período do ciclo do ouro. A Constituição de 1988, ao garantir a demarcação de territórios quilombolas, impulsionou o Quilombo Mesquita a se emancipar e a primeira etapa desse processo ocorreu em 2006, quando a Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura, reconheceu oficialmente a comunidade como remanescente de quilombo. Posteriormente, em 2011, o Incra publicou o Relatório Técnico de Identificação e Demarcação, delimitando o território em 4,3 mil hectares, uma área equivalente a cerca de 4 mil campos de futebol. Cf.: ECAM; Sandra Braga (quilombola e habitante do Quilombo Mesquita). Outras informações disponíveis em: <https://ecam.org.br/blog/quilombo-mesquita-boas-praticas-da-agricultura-familiar/>. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

Figura 1: Poluição e desvio das águas em Mesquita (Cidade Ocidental/GO).



Fonte: Gabriel T. Ramos, 2023. Autoria própria.

De forma intuitiva, comecei a caminhar e coletar objetos encontrados pelas várzeas, que, por sua característica geográfica, acabam por ser os locais onde se concentram resíduos sólidos. Essa prática parecia, e ainda parece, uma estratégia curiosa, ainda que inicialmente eu não soubesse exatamente o porquê. Continuo refletindo sobre isso e percebo que esta é uma pesquisa que se “faz fazendo”, em uma metodologia baseada nas contribuições da obra “Pistas do Método da Cartografia” (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2017).

Nesse processo, deparei-me com a história do chamado “quadrilátero do Distrito Federal”. Em 1891, com a promulgação da nova Constituição da República, o artigo 3º estabeleceu pela primeira vez a intenção de transferir a capital do país para o Planalto Central, reservando uma área de 14.400 km² para esse fim. Essa área foi explorada pela Missão Cruls, liderada por Louis Cruls, astrônomo e militar belga. Essa proposta seria retomada por Epitácio Pessoa, em 1922, e finalmente concretizada por Juscelino Kubitschek em 1956.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Imerso nessa história, passei a refletir sobre a prática de coletar objetos, consequente ao ato de caminhar. Percebi que esses objetos possuem histórias próprias, e que os restos deixados pelo caminho contam narrativas alternativas. A prática de *fazer-fazendo* passou a ser central, pois se trata de uma abordagem que não visa um fim específico, mas valoriza o processo em si. Nesse contexto, ao serem geoposicionados e interrogados por meio de fabulações (MCLEAN, 2000), esses objetos descartados podem problematizar a lógica hegemônica dos mapas, que, por meio de formas, escalas e símbolos, reproduzem incessantemente um mundo que se deseja dominar.

Os objetos coletados, por sua inutilidade aparente, passaram a ser chamados de “desobjetos”. Trata-se de uma coleção de coisas sem nome ou função, descartadas e esquecidas. O termo “desobjetos” remete ao ato de coletar, que, em sua etimologia, está relacionado ao verbo ler (do latim *legere* – colher, escolher, recolher). Esse gesto aproxima-se de práticas agrícolas, envolvendo rastreamento, plantio e a possibilidade de semear novas histórias. Assim, a “coleção de desobjetos” torna-se um ponto de partida para imaginar e fabular narrativas alternativas.

CAMINHAR E COLETAR

O caminhar surge como procedimento que se desdobra por meio de uma reflexão trazida por Francesco Careri, ao descrevê-lo, em *Walkscapes* (2013), não apenas como deslocamento físico, mas um modo de experiência que entrelaça o corpo e o espaço, o tempo e a história. Caminhei muitas vezes, e a cada passo, o chão sob meus pés parecia me chamar para algo mais profundo. Não se tratava apenas de ir de um lugar a outro, mas de *recolher* — com os olhos, com os ouvidos, com o corpo — as impressões que o mundo me oferecia. Cada linha que demarcava o território, eventualmente reproduzida como rua ou avenida, era uma tessitura de fragmentos de memória, de gestos antigos, de histórias aparentemente ainda não contadas.

O caminhar, nesse sentido, tornou-se um processo de *coleta*, assim como o catador descrito por Walter Benjamin (1989), em sua reflexão sobre a modernidade. Em alguma medida, essa prática operava uma catação, cuja tarefa era a de reunir pedaços do que encontrava pelo caminho — não para acumular, mas para recriar um novo sentido. Os atos de caminhar foram

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

fundamentais para estabelecer o que compreendia diante do que via em meio aos processos racistas e ecocidas presentes nos locais que fui encontrando, no decorrer da pesquisa. As primeiras caminhadas partiram do contexto do Quadrilátero Cruls, localizado na porção sul do Distrito Federal e suas fronteiras com o estado de Goiás, adotando uma estratégia de abordagem estética, política e ética próprias. Essa perspectiva visou questionar as linhas hegemônicas que estruturam o território, os corpos e os deslocamentos, desvelando históricos de violações de direitos humanos, racismo ambiental e ineficiências nas políticas públicas destinadas à região do Entorno do DF, partindo especificamente de um lugar que nunca havia pisado.

A ideia de linhas hegemônicas que organizam espaços e relações está no centro da reflexão. Tais linhas funcionam como sínteses de um pensamento colonial-moderno, fundado em princípios que hierarquizam e segmentam territórios e indivíduos. Essa lógica remonta às práticas cartográficas coloniais, que delimitavam terras para a exploração, estabeleciam fronteiras rígidas e invisibilizavam povos e culturas locais. Tais práticas, embora aparentemente técnicas e neutras, são manifestações de poder que ainda reverberam na configuração contemporânea do espaço.

Nesse incômodo, busquei articular práticas cartográficas que rompem com essa visão hegemônica. Por conta disso, o caminhar é entendido como um ato estético-político, mais do que um simples deslocamento, ele se torna uma forma de intervenção no espaço, uma maneira de experienciar e reconfigurar territórios a partir de perspectivas incorporadas. Essa prática possibilita o confronto com as linhas que delimitam e controlam o espaço, permitindo que outras narrativas e subjetividades emergjam.

Ao longo das caminhadas, foram produzidos registros visuais, como fotografias e vídeos, que servem como ferramentas para captar a tensão entre os mapas dominantes e as realidades vividas nos territórios percorridos. A partir desses registros, narrativas críticas foram construídas para ressignificar os espaços explorados, revelando aspectos frequentemente ocultados pelas representações cartográficas oficiais.

Essa abordagem é informada por referências teóricas que dialogam com a ideia de uma ética "estrangeira" e a noção de "fora". A primeira advém da figura do "estrangeiro" de Georges Simmel (1983), essa que se apresenta num lugar liminar na sociedade, indicando certo

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

deslocamento de si e do outro. Já a dimensão do “fora” se apresenta como um campo de possibilidades externas aos sistemas organizados, enquanto espaço de invenção, de diferença e de criação em meio a fronteiras do pensamento fixo (DELEUZE, 1995). Além dos autores, buscamos trabalhos de artistas que exploram a multiplicidade das linhas e a potência das rupturas, bem como obras que tensionam os limites entre corpo, espaço e representação. Trabalhos como os de Cildo Meireles, Richard Long e Francis Alÿs oferecem modelos para pensar o caminhar como gesto criativo e político, que incorpora o território e cria novas formas de narrar e interpretar o espaço.

A inquietação examina criticamente as práticas cartográficas tradicionais, evidenciando como mapas hegemônicos são usados para consolidar relações de poder. Ao *estranhar* essas práticas e propor intervenções que rompem com seus limites, um espaço se abre para se questionar a lógica de segmentação e controle que sustenta a organização do território. Com essa perspectiva, o caminhar não apenas revela os traços invisíveis do território, mas também funciona como uma prática de resistência e criação. Cada percurso realizado torna-se uma oportunidade de desatar e reatar nós, de reconfigurar relações e de dar visibilidade a histórias e experiências que desafiam as narrativas dominantes. Nesse sentido, o caminhar opera como uma forma de cartografia sensível e onírica, capaz de conectar corpos, paisagens e afetos, produzindo um mundo em constante movimento e transformação.

CARTOGRAFIA SENSÍVEL E ONÍRICA

Essa cartografia onírica só é possível de existir por conta do exercício de caminhar, mas também de catar ou coletar pelas várzeas. Para tal, recordo do catador de Benjamin, aquele que, ao recolher fragmentos esquecidos ou descartados pela sociedade, cria novas narrativas, novas conexões entre o que já foi e o que ainda pode ser. Ao caminhar, recolhemos fragmentos do mundo, pedaços de vida, de objetos, de sentimentos, de histórias não ditas. O catador não acumula objetos, mas os transforma em algo novo, como se fosse um artífice da memória, um trabalhador da ficção. Ao caminhar, fabulamos e, no ato de coletar, criamos, reconfiguramos, reinterpretamos. Como Ursula Le Guin sugere em sua “Teoria da Bolsa de Ficção” (LE GUIN, 1989), a ficção não é um machado que destrói, mas uma bolsa que acolhe, que guarda, que organiza o disperso, o fragmentado, o inesperado. Ao caminharmos, agimos como essa bolsa:

recolhemos e guardamos pedaços de vida, de pensamentos, de memórias. E ao guardá-los, damos-lhes um novo lugar, uma nova configuração.

Figura 2: Catando coisas deixadas pelas várzeas.



Fonte: Gabriel T. Ramos, 2024.

A figura do catador, no contexto de Benjamin, também se aproxima da prática da fabulação, tal como McLean descreve. Para ele, a fabulação não é um simples ato de contar histórias, mas um processo de reconstrução do mundo através da imaginação, a partir do que foi abandonado (MCLEAN, 2000). Ao caminhar, encontramos o material bruto — as memórias, os fragmentos, os gestos — e, ao coletá-los, não os conservamos da forma como os encontramos, mas os reconfiguramos, dando-lhes uma nova interpretação. Logo, o ato de recolher é, ao mesmo tempo, um ato de criação. Cada pedaço que recolhemos é imbuído de novas camadas de significado à medida que o introduzimos numa narrativa. Assim, o caminhar se torna um processo de fabulação do real.

Em exercício coletivo realizado coletivamente por mim, Joana Martins e Marina Frascarelli, por meio de uma oficina, nomeada “Geonarrativas: Cartografias das coisas pelas várzeas urbanas”, ocorrida no I Colóquio Várzeas Urbanas,⁴ pudemos evidenciar coletivamente diversas fabulações por meio da coleta e invenção de histórias possíveis sobre as coisas que foram encontradas pelo caminho de uma várzea na cidade de Bauru (Figura 3).

⁴Os conceitos, o procedimento, os relatos e as reflexões críticas sobre a oficina podem ser encontrados no artigo homônimo à oficina realizado por nós para este caderno: “Geonarrativas: Cartografias das coisas pelas várzeas urbanas”.

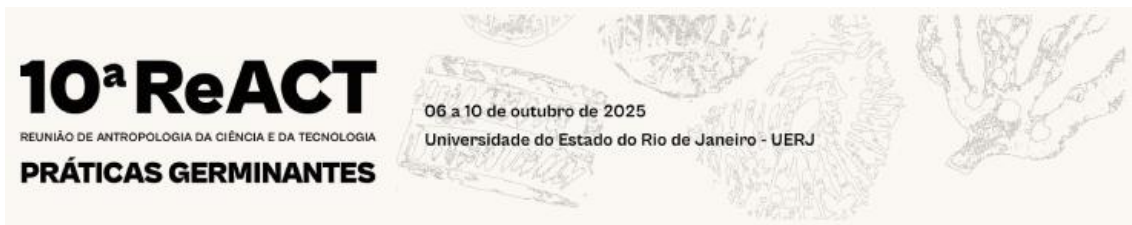
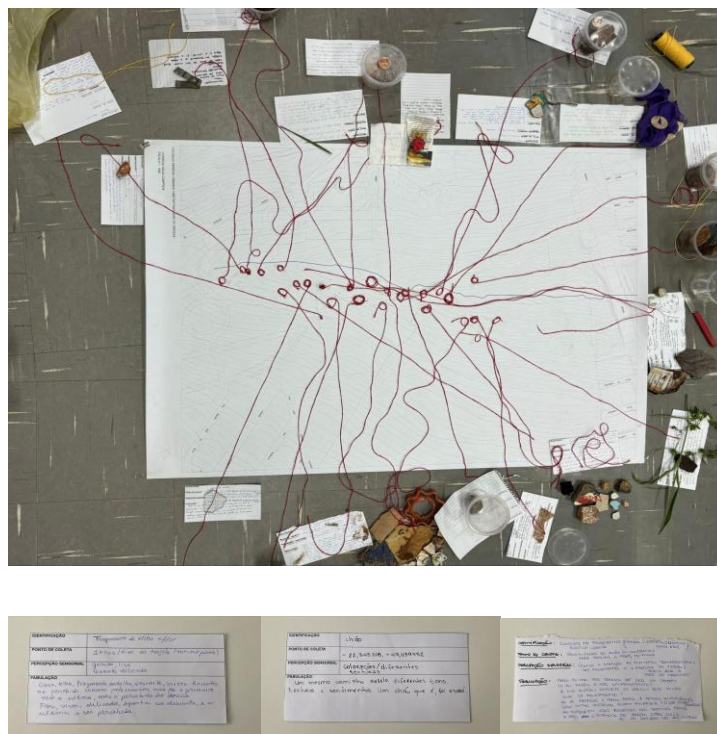


Figura 3: Cartografia coletiva realizada para a oficina e detalhes de algumas das fabulações em fichas realizadas por todos os participantes.



Fonte: Gabriel T. Ramos, 2024. Acervo próprio.

Essa prática coletiva advém ainda de uma reflexão crítica que Ursula Le Guin (1989) nos coloca, ao convidar a imaginar a narrativa como uma bolsa, como um recipiente que não apenas guarda, mas também reconstrói. Quando passamos por lugares conhecidos ou desconhecidos, vemos a bolsa de ficção como algo que se expande: cada pedacinho que recolhemos se junta a outros pedaços, formando uma história, tanto pessoal quanto do mundo. A caminhada transforma o que parecia disperso e sem valor em algo pleno de significado. A fabulação aqui não é uma invenção aleatória, mas uma reorganização criativa, um processo que dá nova vida ao que já existe. Somos catadores e narradores, pessoas que recolhem para contar.

A prática de coletar e fabular, como descrita, não é separada do caminhar. Cada passo, cada ruído da cidade, cada cheiro, cada vestígio deixado por outros, é um fragmento a ser recolhido e guardado. À medida que caminhamos pelas várzeas, locais onde se concentra boa parte de descartes urbanos, a cidade se torna um lugar sobre o qual podemos desenhar narrativas sensíveis e também críticas, reconstruindo o que se encontra pelo caminho. A

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

memória se mistura com a invenção, e o que parece ser real se torna uma história possível, uma fabulação. Isso se conecta diretamente com o que McLean descreve: a fabulação não é um ato de pura invenção, mas de tradução do real em algo mais profundo, algo que se torna possível e palpável na narrativa (MCLEAN, 2000).

Portanto, ao refletir sobre o caminhar como coleta e fabulação, o gesto de recolher não é apenas uma atividade passiva. Caminhar é um ato ativo de transformar o que encontramos pelo caminho, de recolher não apenas objetos, mas fragmentos de memória e de pensamento. Cada passo é um convite para reconfigurar o mundo, para recontar o que foi visto, sentido e vivido. A prática do catador, de Benjamin, se torna aqui uma metáfora para o trabalho de quem caminha e coleta para criar histórias — histórias que não são apenas invenções, mas reinterpretações da realidade, reconfigurações daquilo que já foi e que, por isso, tem algo de ficcional.

Desse modo, o gesto de coletar é inseparável da prática de fabulação; e o ato de cartografar é necessariamente político. Caminhar, portanto, é um ato criativo, de invenção e de reconfiguração, onde o que parecia disperso e fragmentado se torna uma nova narrativa. E, assim, como o catador (e escritor), podemos fazer das várzeas um espaço de criação, um espaço onde o real se mistura com a ficção, formando novas possibilidades de sentido.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Antonio Moraes de Andrade. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudiney Ferreira. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Luciana. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Sobre a experiência do pensamento no campo das artes e das ciências**. São Paulo: Editora UFMG, 2017.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

LE GUIN, Ursula K. The Carrier Bag Theory of Fiction. In: LE GUIN, Ursula K.. **Dancing at the Edge of the World: thoughts on words, women, places**. Nova York: Grove Press, 1989. Tradução: Priscilla Mello. Revisão: Ellen Araujo e Marcio Goldman.

MCLEAN, Kenneth. **The Subject of Fiction: A Theory of Fabulation**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

RAMOS, Gabriel. “Desobjetos e seus destinos: uma geocoleção onírica de paisagens de várzeas”. In: CABRAL, Arthur (org.). **Várzeas urbanas: habitar paisagens de várzeas, volume 3: entre escalas e cartografias**. Ed. dos autores, Bauru, SP, 2025, pp. 7-22.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro (Der Fremde). In: Simmel, Georg. **Sociologia: estudos sobre as formas de socialização**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Ática, 1983, pp. 174-180.